

Uma vida de superação com trabalho, dedicação e amor pelo que faz



Situada no Sítio Feijão I, no município de Bom Jardim, Agreste Setentrional de Pernambuco, a propriedade de Dona Mauriceia Nascimento da Silva, mais conhecida como Ceinha e do Senhor Edmilson Francisco da Silva, também conhecido como Buca, tem uma produção diversificada nos dias atuais, contando com produto de base agroecológico e uma variedade suficiente para manter a família, além de um excedente que garante uma comercialização através da participação na feira agroecológica de Boa Viagem (em Recife), e nos

programas governamentais de comercialização da agricultura familiar, Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Essa variedade conta com produtos vegetais e animais, tais como: hortaliças, tubérculos, grãos diversos, frutas variadas, animais de pequeno, médio e grande porte como: aves (galinha, pato, ganso e peru), suínos e bovinos. Dona Ceinha vive com seu esposo e seus dois filhos, Elivelton (22 anos) e Elen (18 anos), nas condições que hoje eles consideram muito favoráveis para



uma vida digna e tranquila, fruto de muita luta e perseverança. Porém, essa realidade nem sempre foi assim.

Eles se conheceram nas atividades da igreja que frequentavam e logo começaram a namorar, sendo um começo bastante favorável a uma relação mais firme e duradoura. Dessa forma se casaram 10 meses após o início do namoro, que foi no ano de 1994. *"Naquele tempo os jovens frequentavam mais as igrejas e muitos namoros começavam a partir dessa convivência"*, relembra Dona Ceinha. Sr. Edmilson trabalhava na comunidade de Aldeia, no município de Paudalho, numa grande empresa de criação e abate de aves, no setor de produção de pintos (incubatório), vindo em casa a cada 15 dias. Essas idas e vindas duraram muito tempo, até 1998. Nesse período Dona Ceinha era quem cuidava das atividades domésticas, além de todo o trabalho que tinha na roça e criação dos animais. *"Enquanto Buca tava trabalhando no mundo, nas muitas coisas que ele fazia por lá, eu era quem cuidava da lida com os animais, apanhar ração e mudar os bicho de lugar, e do trabalho no roçado,*

plantando, aguardo, limpando e colhendo os produtos", relata Dona Ceinha. O primeiro filho (Elivelton) chegou com essa realidade marcante para ela, tendo que dar conta da lida diária e ainda cuidar da casa. Mesmo ainda com essa situação de se encontrar sozinha para as diversas atividades que assumia, Dona Ceinha acreditava que isso tudo iria mudar e com o resultado de seu esforço essa mudança seria para melhor. Mas ainda nesse mesmo contexto veio a segunda filha (Elen), chegando para compor a família e ampliar ainda mais jornada que já era de uma sobrecarga imensa para seu dia-a-dia. Todos esses acontecimentos apenas fizeram que Dona Ceinha demonstrasse sua capacidade de manter sua família, independentemente do tamanho do desafio que se apresentava a cada momento.

A realidade de Dona Ceinha começou a mudar quando começaram a participar das atividades de transição do modelo de produção que havia na época (produção convencional), pois antes havia muitas queimadas e, de vez em



quando, utilizavam produtos químicos nocivos à saúde e ao meio ambiente. Eles começaram a produzir de forma saudável para eles e para a natureza, fazendo uso das técnicas agroecológicas trazidas e difundidas pelo Centro Sabiá, entidade de assessoria que apoiou muitos grupos produtivos naquela época em outras cidades. Isso foi um verdadeiro marco para eles, que se articularam para fundar a Associação dos Agricultores e Agricultoras e Bom Jardim (AGROFLOR) em 1999 e, logo em seguida, com a participação de outros agricultores de



outras organizações, fundaram a segunda feira agroecológica de Recife, em Boa Viagem. Isso foi fundamental para a melhoria da qualidade de vida da família de Dona Ceinha, pois além dos produtos de qualidade que passaram a produzir e consumir, eles passaram a ter excedentes para poderem comercializar na feira



que participavam. Dessa forma melhoraram a renda familiar, impactando significativamente na qualidade de vida de toda família. *"Toda nossa trajetória faz a gente pensar que tudo foi muito difícil, mas cada situação teve seu papel fundamental no resultado que estamos tendo hoje"*, diz Dona Ceinha. A participação na feira de Boa Viagem não é a única forma de comercialização da família de Dona Ceinha, pois eles também acessam o PNAE e PAA, através da AGROFLOR, que organiza os agricultores para comercializarem através desses programas. Todas essas ações no campo da comercialização de produtos classificados como orgânicos só é possível pelo fato da AGROFLOR estar cadastrada como Organização de Controle Social (OCS), através do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Consequentemente todos/as os/as associados/as possuem este cadastramento e utilizam nos atos de comercialização que praticam.

Muitas conquistas vieram através da participação ativa da família na associação, principalmente no campo da segurança alimentar apoiada pelos programas de cisternas da Articulação Semáforo Brasileiro (ASA), atra-



vés da AGROFLOR. Primeiramente, em 2010, a cisterna de primeira água (16 mil litros), com a finalidade de garantir água de qualidade para o consumo da família, e em 2014 com a cisterna de segunda água (cisterna tipo calçadão, de 52 mil litros de água), para melhorar a oferta de água para produção de alimentos e criação de animais. Vendo os resultados positivos obtidos com essa implementação, a família se esforçou muito e construiu mais duas cisternas de produção com os próprios recursos, sendo uma em 2016 e a outra em 2017. Todos esses esforços no campo da produção, garantem a família de Dona Ceinha uma qualidade de vida melhor e que fazem questão de celebrar a cada data comemorativa da família.

Hoje, com seus filhos crescidos, sendo o mais velho (Elivelton) formado em Educação Física e a mais nova (Elen) graduanda em Fisioterapia, Dona Ceinha afirma para todos/as estar realizada e com muita satisfação por

toda jornada vivida com sua família. Ela agradece muito a Deus pelo marido que tem, pois mesmo nos momentos em que se encontrava ausente devido aos trabalhos que fazia pelas cidades onde andava, nunca deixou de estar presente quando possível e que sua participação no convívio familiar sempre foi motivo de orgulho para ela e exemplo para os/as filhos/as.

